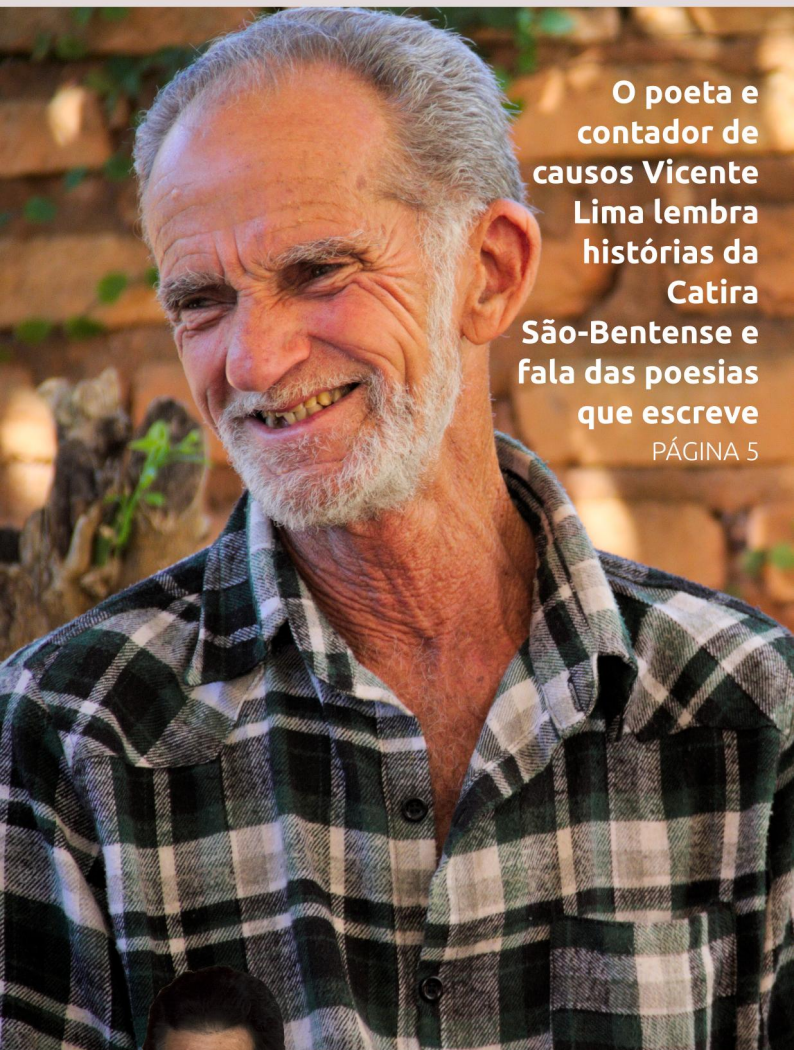


ORA!

No verso e na prosa



O poeta e
contador de
causos Vicente
Lima lembra
histórias da
Catira
São-Bentense e
fala das poesias
que escreve
PÁGINA 5



OFÍCIO TRADICIONAL (PÁG. 12)
Mauro Duarte fala sobre
quando trabalhava para o
Zé Sapateiro, do Triângulo

VITROLA 20 CHICO CICA 22



RESERVADO

231

A língua da gente

Quem acompanha as edições de Ora! (esta já é a sétima!) desde o primeiro lançamento deve ter reparado que, nas entrevistas que publicamos, costumamos preservar, na medida do possível, os traços da oralidade na linguagem escrita. Daí expressões como "nós foi pro campo" ou "os melhor jogador que tinha" passam ilesos pela edição. Trata-se de uma opção estilística, uma licença poética a qual tomamos para deixar o leitor mais à vontade, se sentindo em casa para degustar das histórias orais impressas aqui.

O linguajar interiorano ou, como queira, caipira, tende a ser ridicularizado, menosprezado ou mesmo abominado dependendo do local ou do círculo social sob o qual é empregado. A esta prática estudiosos de linhas mais progressistas chamam de preconceito linguístico.

O preconceito linguístico aparece quando uma pessoa é tratada como ignorante pelo simples fato de sua fala se diferenciar da norma culta da língua portuguesa. Acontece que a língua é dinâmica, muda conforme o uso, a cultura e o local de quem a fala. Ela não é propriedade de ninguém, está no dia a dia de todo mundo e se reinventa a cada novo falante. Estranho, então, observar o quanto o ensino da minha e da sua língua é tão engessado, tão punitivo, tão repugnante na maioria das salas de aula. O aluno que repete na escrita o que escuta na rua pela simples vontade de se expressar naturalmente é tão humilhado que dificilmente toma gosto pelo ato da escrita.

Aqueles que se dão o trabalho de intervir indiscriminadamente na forma como a comunidade se expressa deveriam muito bem abrir mão de serem policiais de uma propriedade que não pertence a si nem a ninguém. Assim é nossa cultura: livre, aberta, viva.

Por um mundo onde não haja linguagem certa nem errada e onde todos os falantes se respeitem. Viva a tradição oral!

Paulo Morais - editor

GUIA CULTURAL

SERVIÇOS E OPÇÕES NA REGIÃO

ESPAÇOS CULTURAIS

Biblioteca Pública de Três Corações - Praça Odilon Resende de Andrade, Centro - (35) 3691-1085

Biblioteca de Todo Mundo - espaço de incentivo à leitura da Viraminas. Cadastro e empréstimo gratuitos de livros - Rua Padre José Bueno, 170. Centro, Três Corações. 3231-2690.

Casa Pelé - Réplica do local onde nasceu o rei do Futebol. Aberto de terça a sábado. Visitação gratuita. Rua Édson Arantes do Nascimento, 1000. 3234-2179.

PUBLICAÇÕES

Guia de Três Corações - negócios, opções de cultura e lazer, lugares para conhecer e histórias da cidade. Podem ser retirados gratuitamente em espaços parceiros ou adquiridos em banca.

AUDIOVISUAL

Cineclube da Viraminas - exhibições de filmes toda quinta-feira. Info: 3231-2690.

Participe desta coluna. Envie indicações de lugares, cursos e serviços para contato@viraminas.org.br

Ora! é uma publicação do Ponto de Cultura Museu da Oralidade. **Realização** Viraminas Associação Cultural. **Presidente** Mônica Furtado. **Tesoureira** Bartira Bertamini. **Secretária** Elisabete Souza. **Jornalista responsável** Paulo Moraes (MTb 07996MG). **Projeto gráfico e editorial** Kutuco Editora e Produtora Cultural. **Fotos:** capa e contracapa: Paulo Moraes · sapateiro: Maria Helena Dias · catira: Paulo Moraes e prefeitura São Bento Abade · Crônica: Danisa Dias. Toda a revista é elaborada em software livre. A distribuição da **Ora!** é gratuita. **Onde encontrar:** Museu da Oralidade, Casa Pelé, Biblioteca Pública de Três Corações.



Cultura



Ministério da Cultura



O conteúdo desta publicação pode ser reproduzido para fins não-comerciais, desde que citada a fonte.

PERFIL VICENTE LIMA

"Somos caminheiros"



Nada simboliza tanto o patrimônio imaterial quanto o conhecimento, o modo de fazer ou o ofício que passa do bisavô para o avô, do avô para o pai, do pai para o filho e que por aí vai seguindo. Um dos mais genuínos mestres de cultura popular do Sul de Minas, Vicente Lima aprendeu a dança da catira com pai e com o avô.

Recentemente, ele esteve no quintal da Viraminas para um bate-papo com os grupos Balaio de Minas e Sabão de Cinza. Com seu jeitinho cativante de contar histórias, ele trouxe anotadas num pedacinho de papel algumas perguntas para serem feitas. Lembrou dos tempos em que o avô era tropeiro e contava histórias daquela época em que carregava toucinho no lombo do burro para o Rio de Janeiro. A infância em São Bento Abade era dividida entre observar, escondido, os catireiros ensaiando e ouvir as histórias mantidas pela tradição oral. A turma indagou um ou outro assunto e o resultado é essa prosa didática e bem humorada que você confere nas páginas seguintes da ORA!.

Na catira, o único instrumento é a viola. O senhor sabe a história da viola? A viola, pelo que dizem, que foi estudado, ela veio de Portugal, foi criada lá, inventada lá no Portugal. Então depois do Portugal ela

começou a entrar no país do Brasil e aí começou a ser executada aqui também. E aí saiu, acho que praticamente pro mundo inteiro.

E a dança do Catira, como que foi criada? A dança do Catira tem duas explicações que eu ouvia quando eu era criança. Eu não sei pra qual que eu opino. Uns falava que a dança veio dos índios. Eu não acredito, me desculpe. Porque os índios, musicalmente, eles não ia ter capacidade pra criar uma dança desse tipo. E meu avô já contava diferente. Ele contava pra mim cinquenta, cinquenta e cinco, praticamente sessenanos atrás. Hoje, eu tô com 67 anos. Ele falava que o catira foi criado assim: naquela época do meu avô, havia o transporte de boi, de boiada. Havia o transporte também de toucinho, então chegava na época da colheita, os fazendeiro tudo colhia o milho pra engordar os capado, depois ia matar os porco, depois ia levar o toucinho pro sol, passar fubá, era a vida. E depois, então, já tinha os cargueiro, os burro, com os balaio, ali enchia e levava pro Rio de Janeiro. E de lá trazia o sal no lombo do burro. Porque aqui o único recurso pra trazer o sal era assim, não tinha outros transporte. E depois ele me contava também do transporte de boiada, porque transportou muita boiada o meu avô. Então ele ia transportar mil bois, dois mil bois. Era viagem longa, de uma fazenda pra outra, de um estado pro outro, lá pro Rio, por exemplo, o único lugar que embarcava. Então lá ia dez a doze peões, pra conduzir aquela boiada, e começava o seguinte: eles levavam uma viola, eu com você por exemplo. Chegava à noite, acendia o fogo e tal, aí começava eu com você a cantar, nós cantava e todos parado lá. E assim foi muito tempo. Quando foi um dia, os dois começou a cantar lá e tal, geralmente levava uma cachaça e começava a beber. Aí diz que quando começou a cantar, uma hora que ele bateu a viola, levantou o outro de lá e começou a sair o sapateado mais ou menos e ele falou: “vem cá, vamo tentar e tal, vamo tentar aqui pra ver”. E por aí que ele falava que nasceu o catira. Tem as duas opções, eu pra mim essa que é a mais verdadeira.

E o senhor, como que o senhor aprendeu o catira?

Com meu avô, porque ele tinha o grupo de Catira naquela época, então não tinha uma



festa que não tivesse apresentação do Catira. Era um aniversário na sua casa, geralmente na fazenda, então primeiramente começava ali pelas oito horas, sete horas da noite, a primeira coisa era a apresentação do grupo de Catira. Aí dançava o Catira, e tal, uma hora, uma hora e meia de apresentação, aí quando terminava a dança do Catira, começava o baile, e ia a noite inteira. Então eu aprendi com o meu avô, com o grupo dele.

De criança, eu já via ele dançando. Eu não dançava, mas depois meu avô faleceu. Meu pai ficou desgostoso na época, triste, e também meu avô faleceu com 87 anos. Vou repetir, 97 anos! Meu pai que morreu com 87. Então, aí ficou uma época mais ou menos uns dois anos parado, ficou sem. Depois o meu pai resolveu retomar o grupo de catira. A gente retomou o grupo e tal e aí dançou praticamente quase até o fim da vida dele, que ele morreu com 87 anos.

Ele era um homem bravo, daqueles antigão, meu pai, Nego Sabino. Chamava Lourival José de Lima mas o apelido era Nego Sabino. Ele não gostava de por a gente pra aprender, cê tá entendendo? Porque atrapalhava. Mas eu entrava meio escondido. Eles tava dançando lá e eu de cá (*batendo palmas*). Aí foi indo, quando viu eu entrei no grupo e já dancei. Aí eu dancei no grupo do meu pai mais ou menos uns cinco anos. Até que um dia meu pai faleceu também. E assim é a vida. É a estrada da vida. Somos caminheiro.

Aí meu pai faleceu e tal e passou mais ou menos uns três, quatro anos, eu tenho um irmão que chama Antônio, aí nós



Rima da Natureza
(Vicente Lima)

Ah! Eu quero fazer uns versos pra vocês
Mas não sei como fazer
Eu vou falar das coisas bonitas
Que os meus e os seus olhos podem ver
Eu falo da flor e falo do campo
E do vale do amanhecer

São tantas coisas bonitas
Que é difícil de falar
Eu falo do céu e falo da terra
Eu falo das estrelas e falo do mar
Eu falo das nossas lindas cachoeiras
Com suas águas a quebrar

Agora eu falo das nossas lindas matas
O que eu não posso esquecer
Eu falo da noite que traz a lua
Eu falo do sol que traz o amanhecer
Eu falo da chuva que cai reta do céu
E quando chega no chão começa a correr

Agora eu falo das nossas plantas
Que frutificam e nos dá o pão
Uma dá ramagem alta
Outra dá rasteira no chão
Eu falo das grandes cidades
E também do nosso sertão

(...)

Tudo que se move neste mundo
Tem um comandante que guia
Tudo isto que escrevi aqui
Posso provar agora ou em qualquer dia
Quem comanda isso tudo que escrevi
Chama Jesus filho da Virgem Maria

Quando eu falo meus versos pra você
Já vi que você fica meio cabreiro
Porque em todos os versos que eu faço
Eu falo em Jesus verdadeiro
Como que vou deixar de falar neste homem
Se Ele é meu melhor companheiro
Na alegria, na tristeza ou na doença
Ele está comigo o tempo inteiro
Ele me deu tudo que tenho nesta vida
Sem nunca me exigir dinheiro

(do livro A Garça Branca)

**Na época do meu pai,
mulher só olhava de banda.
Só assistia. Eu vim vindo
também só com homem,
depois resolvi colocar mulher
também no catira.**

resolvemos a reviver o grupo outra vez. E aí vem até hoje, dando muito trabalho.

Qual o nome do grupo hoje?
É Catira São-bentense.

E quais os ritmos de música que são utilizados na dança do catira?
Agora que eu vou explicar uma coisa pra você. Vou pegar a viola.

Opa! Fique à vontade.
Só pra eu dar uma demonstração.
Antigamente, na minha época, há cinquenta, sessenta anos atrás do meu avô, do meu pai, a música usada pro catira eles falava música campeira, moda campeira, sabe como que é, é moda de viola mesmo, vocês conhecem? (*tocando um trecho da música*)

Como que chama esse ritmo? É a moda de viola?
Moda de viola. Naquele tempo eles falavam... eu repeti agora mesmo.

É campeira?
É, música campeira. Naquele tempo chamava assim. A moda campeira. O que que acontece? Enquanto eu tava cantando essa música, os participantes, os tocador ficava parado, enquanto os dois tava cantando, batendo a viola, cê entendeu, né? Aí depois que tava o intervalo que ele batia a viola e que eles batiam palma, começava a dançar. Então como lá vai modificando a música no nosso país, a música dagora, desculpa, eu não gosto muito não (*risos*). Ela vai modificando, eu tentei modificar um pouco também, sabe? Aí eu coloquei o pagode no catira, coloquei o rasqueado, coloquei o cururu. Os dois ou três tipos de ritmo, porque esse outro que eu criei, deixei da moda campeira, então essa viola tá tocando, os cara tá acompanhando o ritmo

aqui, não fica parado, por isso que eu modifiquei.

Aí o senhor toca o cururu?
O cururu, o rasqueado, o pagode. Consegui por o catira com esse ritmo. Mudei, porque tudo tá mudando.

Qual que é o tipo de voz pra cantar o catira?
Eu expliquei pra você e vou repetir novamente porque tá aí a pergunta, né? A voz é primeira voz e segunda voz sertaneja, normal. Porque o sertanejo com uma voz só não é bom, a segunda voz faz ficar um pouquinho mais gostoso.

Eu li em algum lugar que o Catira era praticamente só homem, aí depois entrou mulher também. Lá pros lados do senhor, dança mulher também ou dança só homem?
Na época do meu pai, mulher só olhava de banda. Só assistia. Eu vim vindo também só com homem, depois resolvi colocar mulher também no catira. Hoje o meu grupo tá com 14 pessoas, quatro componentes são mulher.

Vocês dançam um do lado do outro?
Sim, uma carreira só.

Então qualquer número de pessoas dá, não precisa formar par, não.
Não, hoje qualquer número dá. Então outra coisa de fazer uma carreira só é que você é visto dançando. Porque aquela maneira que eles faziam na minha época (*duas fileiras, uma de frente para a outra*), via minhas costas mas não via minha frente. Então eu modifiquei.

O que que usa normalmente no pisante?
Vou falar uma coisa pra você. O piso na dança do catira é muito importante. Se for um assoalho, tem que ser um assoalho muito reforçado pra dar um som perfeito. Como foi a última apresentação que nós fizemos no grupo escolar, eles fizeram um assoalho lá, puseram umas tábua bamba, aí não dá o barulho certo. Então o certo, pelo material que eu mandei colocar nas botas que a gente dança com elas, hoje é bom no piso de cerâmica, por exemplo. Porque geralmente não precisa de assoalho.

No tempo do meu pai tudo era na botina e

no assoalho, mas era aquele assoalho de casa, aquele assoalho perfeito, firme. As tábua tão bem presa. Hoje pega as tábua, põe lá em cima e fica ruim esses palco, dá um som esparramado, atrapalha o som.

E qual material o senhor colocou nas botinas?

Eu vou te falar uma coisa pra você. As botinas vieram com um material de borracha, pras botas. Não dá som. Aí levei, por intermédio da prefeita da época, no sapateiro e ele trocou. Aí pôs uma sola boa, sabe, que dá um barulho bom.

As músicas do grupo é o senhor que faz também?

Não. Eu sou versista, gosto de fazer poesia em verso. Tô com um livro pra sair e quando sair quero que vocês tenham o prazer de conhecer, e música, por exemplo, eu faço a letra da música facilmente. O problema meu é colocar a música. Porque eu canto desde criança. Então muita música na minha cabeça, todo jeito que eu vou colocar música na letra que eu faço, eu tô cantando uma música na outra. É que música que eu fiz até hoje, minha música, só uma. Eu até tenho ela gravada num CD aí.

Como que a gente fica sabendo das apresentações do senhor?

Ah, vou te falar uma coisa, não é fácil, porque eles chamam a gente, não tem meio da gente divulgar. Eu queria que vocês tivessem o prazer de assistir.

O senhor tem alguma marcada?

Por enquanto, não.

O senhor pode fazer contato com a Viraminas quando tiver.

Tá bem, é com a Adelaide né?

Isso.

Então no momento que aparecer a apresentação eu dou um jeito de comunicar aqui.

O grupo só toca por convite?

Convite. E tem outra coisa: o grupo não ensaia diariamente. Então se eu recebo pra ir apresentar, eu tenho que receber com antecedência mais ou menos de 15 dias. Porque eu dou uns dois, três, quatro ensaio pra ir lá apresentar. 

ORA! INDICA

História oral: faça você mesmo

Chega o fim de semana, você não tem o que fazer. Senta com o avô, a avó, o vizinho antigo que está sempre na calçada, observando inerte o movimento da rua. Ali começa a ouvir as histórias da vizinhança, do bairro, da cidade. "Antigamente era assim, hoje é assado", "mulher não podia isso", "criança tinha que fazer aquilo" e por aí vai. O que se faz nessa hora e que tanta gente faz o tempo todo nada mais é do que uma entrevista (informal, no caso) de história oral, a mesma que a gente faz (formalmente, no caso) aqui no Museu da Oralidade.

Trabalhar com oralidade é ao mesmo tempo intrigante, porque cada história revela centenas de outras, e prazeroso, porque facilmente a gente sempre vai se envolver com alguma coisa que a pessoa nos conta. Não existe técnica melhor do que a própria curiosidade para escarafunchar uma história de vida com a finalidade de chegar a traços identitários da coletividade. O que se comia, o que se contava, o que se pensava, o que se produzia, onde se trabalhava, como se viajava; tudo merece ser perguntando quando se registra a memória de alguém em busca de nossa identidade.

Registrar trajetórias pessoais pode ser um passatempo ou um ofício, dependendo de quem faz, como se faz, para que se faz. Por mais intuitivas que sejam as técnicas, sempre é importante ler, estudar e compreender sobre o tema. A melhor indicação para quem se interessa pelo assunto é *A Voz do Passado*, do sociólogo inglês Paul Thompson. Mais que repassar as maneiras de conduzir projetos, comandar entrevistas e armazenar informações, a obra vem para provocar a reflexão sobre o papel da história tradicional e nos leva a pensar sobre o caráter revolucionário das pesquisas de memória oral.

Você encontra as indicações desta coluna na Biblioteca de Todo Mundo.

OFÍCIO TRADICIONAL

Sapato pra lá, sapato pra cá



Nascido e criado no bairro Triângulo, Mauro Duarte aprendeu o ofício de sapateiro ainda na infância, por necessidade própria. Manco de uma perna, ele precisou desenhar e dar forma aos próprios calçados. A dificuldade não o impediu, no entanto, de jogar de goleiro no campo do Buracão, onde fez muitos amigos. O envolvimento no bairro o levou à política. O sapateiro participou de projetos sociais, tornou-se diretor do Atlético Tricordiano e elegeu-se vereador por dois mandatos. Algumas dessas passagens ele conta nesta entrevista.

O senhor nasceu onde?

Eu sou filho de ferroviário, meu pai chamava José Duarte e minha mãe Alaíde Amorim Duarte, eu nasci no bairro do Triângulo, antigo Vila Rocha. Sempre morei e moro até hoje no Triângulo, na época era um bairro de ferroviários. Hoje nós já tamos na terceira geração.

Como que era lá? Eu imagino que devia ser mais tranquilo, menos movimento. Nós fomos um dos bairros mais violentos de Três Corações. Com os projetos sociais que nós criamos lá, principalmente com a construção da creche, depois a sede dos escoteiros, o grupo Jorge Avellar Neto, se tornou um bairro bem tranquilo. Por ser próximo do centro da cidade, é um bairro bem tranquilo, tem alguns problemas, nada mais do que o dentro do normal.

O senhor brincou muito na rua lá? Por ser um bairro pequeno, por curiosidade tem uma área lá que era da antiga Rede Ferroviária chamada Triângulo, que é onde nós jogávamos as famosas peladas. Lá tem uma curiosidade, lá joga todo mundo, enquanto chegava se tiver trinta pra cada lado joga os trinta, se tiver dois, é um pra cada lado. Há mais de 50 anos o sistema é a mesma coisa: chegou, joga. Então é um bairro tranquilo, um bairro também cortado pelo rio Verde. Nós tivemos já vários problemas com enchente. Em 2000, nós tivemos cerca de 70% do bairro inundado, foi a pior enchente que teve, mas por se tratar de um bairro em que todo mundo conhece todo mundo, é bem tranquilo.

Eu já ouvi falar que o senhor jogava até no gol de vez em quando.

É, eu tive um problema na perna, uma deficiência física que futuramente eu tive até de amputar para colocar perna mecânica. E na época era muito raro um deficiente físico jogar bola, mas a gente teve a oportunidade de jogar, nadar, praticar todo tipo de esporte com o resto do pessoal.

E quem eram os colegas de futebol?

Ah, no Triângulo a gente tem várias pessoas conhecidas, o próprio Argemiro, que é conhecido como Argemiro do Cruzeiroinho, tinha o Macaco, o Nelso, o Gaspar, Canhoto, Pêra, esse pessoal assim tudo praticava, era praticamente o dia todo jogando futebol no famoso Buracão.



E quem eram os bons de bola lá?
O rei do Buracão ainda é o Vitinho Macaco.

Ele jogava de quê?
O Vitinho era atacante, muito forte, um negão forte e ele era um dos melhores jogadores, fazia gol, aproveitava o porte físico dele, na época, pra praticar esporte.

Ele dava tranco nos outros?
Com certeza! Isso era a grande virtude dele. Então o Vitinho, o Baianinho, eram os melhores jogadores do Buracão, porque na época foi como eu falei, jogava várias pessoas. Aí cê já viu né? Ele tinha essa facilidade por ser forte.

E no caso a trave devia ser improvisada.
Não, não. Tudo fixo. As traves foram feitas. De lá surgiu dois times, inclusive por ventura fui eu que fundei os dois. Nós fundamos o Cruzeirinho, que disputou o campeonato com vários jogadores que na época eram militar, aluno. Juntou o pessoal do bairro. Depois surgiu o Sete de Setembro Futebol Clube, eu fui o fundador das duas equipes. Depois que eu fui pro Atlético.

A bola era de quem?
Cada um dava um pouquinho e a gente comprava, sempre tinha bola boa. Ou senão o Atlético, né? As bolas caíam pro lado de fora do campo, a bola ficava pra pelada do Buracão mesmo. Isso daí é uma tradição, até hoje quando a bola cai pro lado do Buracão, o Atlético fica sem a bola.

E o senhor estudou aqui na cidade?
É, sempre fui de Três Corações, estudei no Bueno Brandão, depois no Colégio Estadual.

O primário, todo mundo fala que era

mais rígido. Como que era?

Eu acho que era até mais difícil, as professoras mais rígidas, o Bueno Brandão era uma escola, era não, é uma escola de grande tradição em Três Corações, acho que 90% da população passou pelo Bueno Brandão ou pelo colégio Estadual, né?

E quem eram seus professores?

Olha, a dona Mirza, viva até hoje. De vez em quando ela vem cá ainda. A dona Olga, também, da família Cardoso, e grandes professores que marcaram essa época. No ginásio, eu estudava mais à noite, porque como eu nasci com um problema na perna, desde a infância eu já trabalhava com calçado. Trabalhava durante o dia e à noite que a gente estudava.

O problema na perna te levou a trabalhar com calçado?

É, justamente. Quando a pessoa era portadora de uma deficiência física, ainda mais no caso eu, que andei de muleta até 25 anos mais ou menos, o portador de deficiência física não tinha oportunidade. Por exemplo, o período que eu fui na ESA. O cara achou que o físico meu tinha condições, tudo certinho, mas como eu tinha problema na perna, não pude servir. Outro dia eu fui fazer teste na Nestlé, fiz tudo certinho, passei em tudo, mas como eu andava de muleta, uma mão ocupada, não tive oportunidade. Então, como opção, eu fui trabalhar no calçado, porque o cara já trabalha sentado, tem mais facilidade. Então continuei no calçado a vida toda.

No começo, foi aonde?

Eu trabalhei muito tempo numa sapataria no Triângulo chamado Zé Sapateiro, depois eu trabalhei na sapataria Elite, um tempo na sapataria da ESA, depois eu montei a própria sapataria.

Foi o Zé Sapateiro que te ensinou?

Foi ele. Desde molequinho a gente já trabalhava. Antigamente, quase todos os moleques já trabalhava em sapataria, na padaria ou alfaiataria, hoje quase não tem essa tradição.

Como era essa sapataria?

Muito rústica, muito difícil de trabalhar, o material era muito escasso. Praticamente era um serviço artesanal. Eu passei um período também trabalhando com um

sapateiro do Atlético, seu Orlando Salame. É até um fato curioso, que quando chegava nos treinos do Atlético, por volta das 16 horas mais ou menos, ele falava: ó, vamos assistir um pouco do treino. Quer dizer que a gente já saía da sapataria, podia estar apertado de serviço, pra assistir os treinos do Atlético.

A sapataria era do time?

Não, não. Ele era ligado ao Atlético, da diretoria do Atlético.

E na época a sapataria fabricava os sapatos ou só consertava?

A maior parte das sapatarias fabricava os sapatos, não tinha essa facilidade que tem hoje.

Era diferente o tipo de sapato que a turma usava do que se usa hoje?

O masculino nem tanto, mas o feminino é bem diferente. O masculino era praticamente um sapato que ainda existe, principalmente na área militar.

Se no Zé Sapateiro, bem no comecinho, chegasse alguém e falasse assim “eu quero um sapato”, como que fazia tudo? Às vezes já tinha alguns modelos, oferecia e montava, às vezes o corte já tava todo pronto, aí chega lá e montava o tipo de sola, mais alto, mais baixo, então montava imediatamente, naquela semana mesmo.

Mas o couro...

Ah, comprava a pele de couro, como compra hoje ainda, e já montava os calçados.

Era uma coisa chique ou era normal?

Às vezes era normal. Teve uma época de botina mais rústica, mas tinha sapatos sociais, de boa qualidade. Ainda tem sapataria que monta calçado. Um deficiente físico ou um cara que tem um calinho monta até hoje sapatos de acordo com o pé da pessoa, do jeito que a pessoa quer.

E aí o senhor tava contando então que começou a se envolver mais com o Atlético na época dessa sapataria?

Nós ia ver o treino e limpava as chuteiras, engraxava. Desde moleque a gente tá ligado ao Atlético. Acabei ficando com uns três ou quatro mandatos de presidente do Atlético e até hoje tô na diretoria.

O senhor se envolve sempre com política. Como foi que isso aconteceu? Teve um período, acho que em 1982, que a gente foi ligado ao grupo dos escoteiros e o escoteiro ajudou muito na enchente. Aí eu fui convidado a candidatar a vereador e da primeira vez que eu candidatei fui um dos vereador mais votado. Depois voltei, no 92 a 98 mais ou menos, com mais dois mandato em seguida. Eu acho que por envolver com entidades, envolver com Atlético, e precisar da força política, eu acabei me envolvendo na política. E sempre gostei, tem várias entidades que eu consegui ajudar e algumas mesmo fundar.

O grupo de escoteiros foi a primeira entidade que o senhor trabalhou? Desde moleque que eu sou do grupo de escoteiros, inclusive nós conseguimos fazer uma boa sede dos escoteiros, era a melhor do sul de minas. Eu sempre fui ligado aos escoteiros, à creche, ao SOS, e outros projetos sociais que a gente tem.

Quando foi que o senhor entrou pros escoteiros?

Eu entrei garoto, de dez, doze anos no máximo, eu já era escoteiro.

E quem é que comandava lá?

Na época que a gente era escoteiro, a sede era dentro da ESA. Aí tinha o Pelezinho, tinha um senhor que chamava João Rezador, que era os caras que administrava os escoteiros. Todo fim de semana, os escoteiros se reunia dentro da ESA, com o apoio da ESA. Depois que os escoteiros construíram a sede. O João Rezador morava no bairro do Triângulo, faleceu tem pouco tempo, foi um cara que ajudou muito os escoteiros. Como também quem ajudou muito os escoteiros foi o Tarcísio, funcionário da prefeitura, ele foi um dos responsáveis pela construção da sede do escoteiro no finzinho da Castelo Branco, na onde que tem uma mata muito boa.

E vocês faziam o que nos escoteiros?

Normalmente, tinha patrulha, tinha acampamento, ia pra dentro da mata. Ficava acampado, às vezes dormia de sábado pra domingo no meio da mata.

Vocês passaram algum aperto? Teve alguma história engraçada?

O escoteiro mais era competição de

alimentação, de quem montava barraca mais rápido, essas atividades. Era uma atividade muito sadia na época, muito tranquila, muito programada, porque as pessoas tinham sua responsabilidade e levavam a sério a parte do escotismo.

Quando foi que o senhor entrou pela primeira vez na diretoria do Atlético? Olha, quando o Atlético voltou, em 93, 94... Não, 82 a 85 mais ou menos. Por coincidência, eu nunca tinha mexido com futebol profissional e na época teve uma renúncia da diretoria do Atlético e eu acabei assumindo. Por sorte, a gente tinha montado uma grande equipe. Nós subimos para a primeira divisão em 1986. Da primeira divisão já montou outra diretoria, eu não fiquei. Depois o Atlético teve outra situação difícil, em 92, mais ou menos, eu peguei o Atlético novamente e o Atlético tornou a subir para a primeira divisão. Depois eu continuei na diretoria do Atlético como diretor e agora em 2012, 2013 eu tornei a voltar ao Atlético praticamente livrando o Atlético da segunda divisão. E eu tô no Atlético até hoje.

E quem são os melhores jogadores que você já viu jogar?

Nós trouxemos vários jogadores que jogaram até na seleção brasileira, o caso do Jairo, do Dema, a gente montou excelentes equipes aqui em Três Corações. Mas do futebol amador que eu peguei, um dos melhores jogador, que é inclusive de Três Corações, era o Deison, o Marquinho, o Adilson Paiva, Vanderlei, Ailton Couto. Esses jogadores foram jogadores que marcaram muito, o Atlético tava se profissionalizando, foram jogadores que se destacaram de Três Corações.

O clube era amador?

Em 89, por aí, que o Atlético se profissionalizou. O período anterior foi tudo amador.

Esses jogadores estão na cidade ainda? Tem alguns jogadores, o Ailton Couto, o Adilson Paiva, ainda permanecem aqui em Três Corações. O Vanderlei mora em Campinas, jogou muito tempo no Atlético Mineiro, foi pro Palmeiras, pra Ponte Preta, Vanderlei também é cidadão tricordiano, cara que sempre jogou pelo Atlético. 🌀

CRÔNICA DANISA CHAVES

A descoberta



Era um dia desses aí, sem nada para fazer, sem ninguém pra conversar, sem muitas esperanças, unido às mesmas coisas de sempre. A casa no mesmo lugar, os objetos que a enfeitavam e davam vida a ela não surtiam efeito algum sobre a alma que preenche este espaço em branco.

Uma vez, Nélida Piñon disse que os objetos possuem histórias, suas histórias estão ligadas à memória de quem os compra, de quem os tem, de quem os recebe, de quem os dá, de quem os sente. Eles nos lembram pessoas queridas, fatos, momentos e tem o poder de dar asas a nossa imaginação e nos tirar da realidade e do cotidiano que corroem os corações humanos.

E assim começa minha crônica, quem diria que em um dia sem muitas surpresas eu descobriria em minha casa uma maleta mágica, igual a que os contadores de histórias abrem para que o encantamento se apresente e a partir daí um mundo novo se inaugure, nos olhos, na mente, no coração, e o espírito já não é o mesmo, sai do lugar... Mas, então voltando a minha descoberta. Na procura de um livro em solidariedade a meu pai, subi em cima de uma mesa para garimpar o maleiro, quando eu dei de cara com uma maletinha de couro, azul e

20 ORA!

E essa caixa mágica, era a vitrola dele que agora é minha. Acho que é o objeto mais precioso, mais caro, meu tesouro... Pois, nela cabe e coube toda a memória da minha infância a descoberta das grandes músicas, dos grandes cantores, as vozes de quem partiu...

vermelha, naquele momento não pude ver, mas senti que os meus olhos tiveram o mesmo brilho de antes, brilho de olhos de criança. Nesse instante, a memória da minha infância se fez viva e colorida, e através do que viu, (os olhos de dentro) me reencontrei com tantas pessoas que partiram, com tantas outras que não sei mais por onde andam, e as que ainda permanecem, estavam jovens, e eu era uma menina mais magrela e mais feliz que hoje. Ouvi tantas vozes cantando a mesma música e ouvi vozes individuais cantando canções de um modo peculiar “Tu és divina e graciosa '*estáuta*' majestosa...” essa era a voz do meu pai.

E essa caixa mágica era a vitrola dele, que agora é minha. Acho que é o objeto mais precioso, mais caro, meu tesouro... Pois nela cabe e coube toda a memória da minha infância, a descoberta das grandes músicas, dos grandes cantores, as vozes de quem partiu... a churrascaria de antigamente que era da mesma cor da vitrola, meu portal para os tempos de outrora. Ainda funciona e daquele tempo guardo um vinil, que herdei do meu tio que um dia também foi pipoqueiro, Força Verde é o nome do bolachão. Coloquei-o na maleta mágica que pintarei com borboletas para me lembrar do efeito que elas causam no estômago dos seres apaixonados, e a música que eu mais gosto, começa assim: “Ainda pouco era apenas uma estrela, uma imensa tocha antes do mergulho, agora vem à tona, sua ira é intensa e você deseja saber se a algo que possa acalmá-lo outra vez”.

Lembrar me acalma...

A simpreza do Onofro

Ô mais ô sô, aqui pras nossas banda o que mais tem é gente simpre, mas pra tê simpresa memo nessa vida o Onofro da Dita é sozinho, óia que homi de expidiente é ele memo, tudo pr'ele tem que dispatchá é na hora e se fô pra quarqué demão pra conhecido ou memo pra estranho ele tá sempre pronto, o homi tá com 72 ano mais tá firme.

Agora ocêis espia, teve uma casião que ele tava lá roça na lida e de repente chega a vizinha das terra dele com recado que era pr'ele ir lá na casa dela atendê o telefone que tinha chamada urgente pr'ele, oceis sabe que telefonema pra roça é sempre um susto né!? Na maior das veiz é notiça ruim, e não deu outra, era a irmã dele chorano dano ciença que a tia Tônha tinha morrido e era pr'ele vir logo pra cidade ajudá por que a famia tava no maió tristume e eles não tava nem sabeno cumé que fazia um velório direito, aí ele já organizano tudo e falô pr'ela:

— Óia eu tô arroiado de serviço aqui na roça, mas oceis vai chorano aí que no raiá da tarde eu chego pra dá uma demão.

E logo que terminô o serviço já pegô a Variant ano 70 dele e veio rasgano pro asfalto afora quando que de repente avistô um carro da polícia parado, e o guarda na beira da estrada dano sinal pra pará.

Ele já foi bombeano o freio proque tava vazando óio no burrinho aí demora funcioná, ajudou com o freio de mão e já parô com a cara pra fora, com aquele sorrisão dele falano:

— Uai companhêro inguiçô aí!? Será que é a biela? Se fô bateria que arriô nois faz uma chupeta agora memo.

Aí o guarda meio sem graça, falô:

— Não sinhô, tá tudo bem com o meu carro eu só preciso da sua carteira de motorista.

Aí meio dicipicionado o Onofro deu um tapinha de conforto na cacunda do guarda e falô:

— Eita sô guarda hoje o sinhô tá sem sorte, eu não tenho cartêra não.

É daí pra pió.



VOCÊ ERA SÓ ALEGRIA.



SAUDADE
LONGE, MA